

A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE QUIXABEIRA, NO SEMIÁRIDO BAIANO

EXPERIENCE SCHOOL FAMILY AGRICULTURAL QUIXABEIRA NO SEMIARID BAIANO

Marcos Paulo Souza Novais

Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Ciências Humanas,
Colegiado de Geografia – Campus IV / Jacobina
marpano@gmail.com

Resumo

No momento atual, o debate sobre Educação do Campo está ganhando visibilidade, espaço e algumas conquistas. No entanto, ainda permeia uma dicotomia entre a educação urbana e rural, sendo esta última considerada dependente da primeira, mesmo com o avanço das pesquisas em Educação do Campo, continuamos refém dessa problemática epistemológica e conceitual da relação campo-cidade, pedagogia rural – pedagogia urbana. O objetivo deste trabalho não é aprofundar discussões relacionadas a essa problemática, mas apresentar experiências exitosas de Educação do Campo no interior da Bahia, que estabelece uma relação com o campo e com práticas pedagógicas contextualizadas e locais, sem perder de vista o estabelecimento de novas relações com o espaço urbano no âmbito local, regional, nacional e global. Experiências pedagógicas diferenciadas e o conhecimento produzido em espaços educativos contextualizados, em especial realizadas através das Escolas Famílias Agrícolas, fundamentais para formação de sujeitos e educadores do campo, desprendidos de preconceitos, sem visões deturpadas e ingênuas do espaço rural.

Palavras-chave: EFA. Pedagogia da Alternância. Educação do Campo.

Abstract

At present, the debate on Rural Education is gaining visibility, space and some achievements. However, still permeates a dichotomy between urban and rural education, the latter being dependent on the first, even with the advancement of research in Rural Education, this epistemological and conceptual issues regarding the rural-urban, rural pedagogy - pedagogy urban. The objective of this work is not to deepen discussions related to this problem, but present successful experiences of Rural Education in Bahia, establishing a relationship with the field and with local and contextualized pedagogical practices without losing sight of the establishment of new relations with the urban space in local, regional, national and global levels. Differentiated learning experiences and the knowledge produced in contextualized educational spaces, particularly carried through the Agricultural Family Schools, essential for formation of subjects and educators from the field, detached from prejudice, without misleading and naive visions of rural areas.

Keywords: EFA. Pedagogy of Alternation. Field Education.

Introdução

No momento atual, o debate sobre Educação do Campo (EC) está ganhando visibilidade, espaço e algumas conquistas. No entanto, ainda permeia uma dicotomia entre a educação urbana e rural, sendo esta última considerada dependente da primeira, mesmo com o avanço das pesquisas em EC, continuamos refém dessa problemática epistemológica e conceitual da relação campo-cidade, pedagogia rural – pedagogia urbana.

O objetivo deste trabalho não é aprofundar discussões relacionadas a essa problemática, mas apresentar experiências exitosas de EC no interior da Bahia, que estabelece uma relação com o campo e com práticas pedagógicas contextualizadas e locais, sem perder de vista o estabelecimento de novas relações com o espaço urbano no âmbito local, regional, nacional e global.

Para Caldart (2008, p. 72)

A Educação do Campo nasceu também como crítica a uma educação pensada em si mesma ou em abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico se colasse a sua realidade, de relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua necessária complexidade.

Acreditamos que, este relato possa contribuir no sentido de apresentar a materialidade do conceito de Educação do Campo através do fazer pedagógico desenvolvido na experiência da Escola Família Agrícola (EFA) de Quixabeira, que mostra resultados significativos e concretos na perspectiva da formação de sujeitos empoderados e comprometidos com desenvolvimento e fortalecimento do campo.

A metodologia utilizada baseou-se em revisão bibliográfica, consulta a documentos produzidos no âmbito da EFA, vivências a partir de visitas realizadas em trabalhos de campo na disciplina Prática de Ensino em Geografia, vinculada ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus IV – Jacobina, Bahia, entrevistas com diretor, professores, monitores e discentes e a utilização de imagens do Google Earth para espacializar e delimitar a área da EFA e do Povoado de Jabuticaba no município de Quixabeira.

Educação do Campo: a experiência das Escolas Famílias Agrícolas

No Brasil, as políticas públicas de educação sempre se restringiram ao espaço urbano, nunca se buscou atender as reais necessidades dos trabalhadores/as da terra. Estes, sempre foram marginalizados, deixados à parte, fora de lugar, sem nenhuma participação na elaboração e, muito menos, na construção de uma educação que viesse tirar o peso de 500 anos de exclusão social, política e cultural. Podemos considerar povos do campo, todos e todas que mantêm uma relação de intimidade e afetividade com a terra, a saber: caboclos, criadores, extrativistas, pescadores, ribeirinhos, caiçaras, seringueiros, peões, quilombolas, indígenas, roceiros, posseiros, sem terras, caipiras, assentados, acampados, agricultores, arrendatários e outros.

Nos últimos anos, ocorreram avanços, ainda que, tímido na implementação de ações do poder público para o fortalecimento da educação realizada no campo.

O reconhecimento de que as pessoas que vivem no campo têm direito a uma educação diferenciada daquela oferecida a quem vive nas cidades é recente e inovador, ganhou força a partir da instituição, pelo Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Esse reconhecimento extrapola a noção de espaço geográfico e compreende as necessidades culturais, os direitos sociais e a formação integral desses indivíduos. (CADERNOS SECAD 2, 2007, p.09)

A década de 60, após imposição de um governo militar, por forças estrangeiras, as organizações voltadas para mobilização social e política da sociedade civil sofreram um pesado processo de repressão, desarticulando e suspendendo diversas atividades com cunho sociopolítico.

Porém, na contramão e, através de células de resistência à ditadura militar, as organizações da sociedade civil, especialmente as ligadas à educação popular, incluíram a EC na pauta dos temas estratégicos para a redemocratização do país.

A ideia era reivindicar e concomitantemente construir um referencial de educação sintonizado com as especificidades culturais, os direitos sociais e as necessidades próprias à vida de homens e mulheres do campo.

Neste contexto, os sindicatos de trabalhadores rurais, associações de trabalhadores rurais, educadores ligados a resistência à ditadura militar, partidos

políticos de esquerda, sindicatos e profissionais de educação, setores da igreja católica identificados com a teologia da libertação e as organizações ligadas à reforma agrária, entre outras, mobilizados por um sentimento político de democracia e em busca de experimentar ações pedagógicas inovadoras, uniram-se com objetivo de fortalecer uma política educacional para o campo, baseado no paradigma pedagógico de pertencimento ao lugar e formação da identidade cultural (CADERNOS SECAD, 2007).

Várias ações de organização popular em prol da Educação do Campo foram desenvolvidas, onde destacamos as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), com proposta pedagógica diferenciada, denominada Pedagogia da Alternância, a partir da divisão sistemática do tempo e das atividades didáticas entre a escola e o ambiente familiar e comunitário.

As EFAs, inspiradas nas experiências e princípios educacionais franceses denominados *Maison Familiale Rurale*, ou Casas Familiares Rurais, surgiram por volta da década de 1930 na França, num contexto de grave crise agrícola na Europa, desencadeada pelo processo de mecanização da agricultura (TEIXEIRA e FREIXO, s.d.).

No Brasil, essa experiência se concretiza em 1969, inicialmente no Espírito Santo, com apoio de setores da Igreja Católica, associando o aprendizado técnico com o conhecimento crítico da realidade da comunidade.

Atualmente, segundo Lordelo (2000) são mais 1.500 espalhadas por todo mundo, sendo 120 delas distribuídas por quase todos os estados brasileiros, 33 das quais, nos municípios do interior da Bahia, em sua maioria localizadas no semi-árido, colocando o estado com maior representatividade em EFAs no país.

As EFAs são geridas por associações rurais, estão organizadas em nível regional, nacional e mundial, formando uma rede. Nacionalmente, as EFAs estão organizadas em torno da UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, atualmente com sede em Brasília – DF. Mundialmente, as EFAs estão organizadas em torno da AIMR – Associação Internacional das *Maison Familiales Rurales* (NASCIMENTO (2005) apud TEXEIRA e FREIXO, s.d.).

Cada EFA possui suas particularidades, porém, existe eixos comuns entre elas, podemos citar:

a) Os sujeitos do processo educativo em sua maioria são filhos dos pequenos agricultores, que participam da gestão através da associação mantenedora, estimulando associativismo;

b) A formação plena do aluno/cidadão, partindo da realidade e das necessidades das famílias e da comunidade que estão no seu raio de atuação, como compromisso maior da escola;

c) A busca da interação entre processo formativo, a família e a comunidade;

d) A valorização da coletividade, através de atividades teóricas e práticas, onde crianças e jovens assumem responsabilidades de manutenção da estrutura física;

e) A presença constante de uma equipe de formadores; e a adoção da Pedagogia da Alternância como parâmetro do projeto educativo. (QUEIROZ, 2001, CHARTIER, 1985 apud TEXEIRA e FREIXO, s.d.)

Vivemos um momento marcado pela lógica do capital, onde o campo é transformado em mercadoria pelo agronegócio, que exclui e oprime o pequeno agricultor brasileiro, forçando-o abandonar seu território, suas raízes e sua identidade.

Neste contexto, do conflito territorial do camponês e o agronegócio, a proposta diferenciada das EFAs se apresenta como uma alternativa, dentre outras, atuando no sentido oposto da tradicional educação rural brasileira pautada na (re) produção e expansão do capital, constituindo-se assim num “movimento social objetivo”, capaz de criar condições do homem viver no/do campo.

A experiência da Escola Família Agrícola de Quixabeira - BA

O povoado de Jabuticaba, pertence à Quixabeira, município brasileiro do estado da Bahia. A população do município de Quixabeira de acordo com a contagem da população (IBGE, 2010) é de 9.554 habitantes.

Criado em 14/06/1989, pela Lei nº 5.019 (de 13/06/1989) Quixabeira faz divisa com 5 municípios: Jacobina, Capim Grosso, São José do Jacuípe, Várzea da Roça e Serrolândia, de quem foi desmembrada.

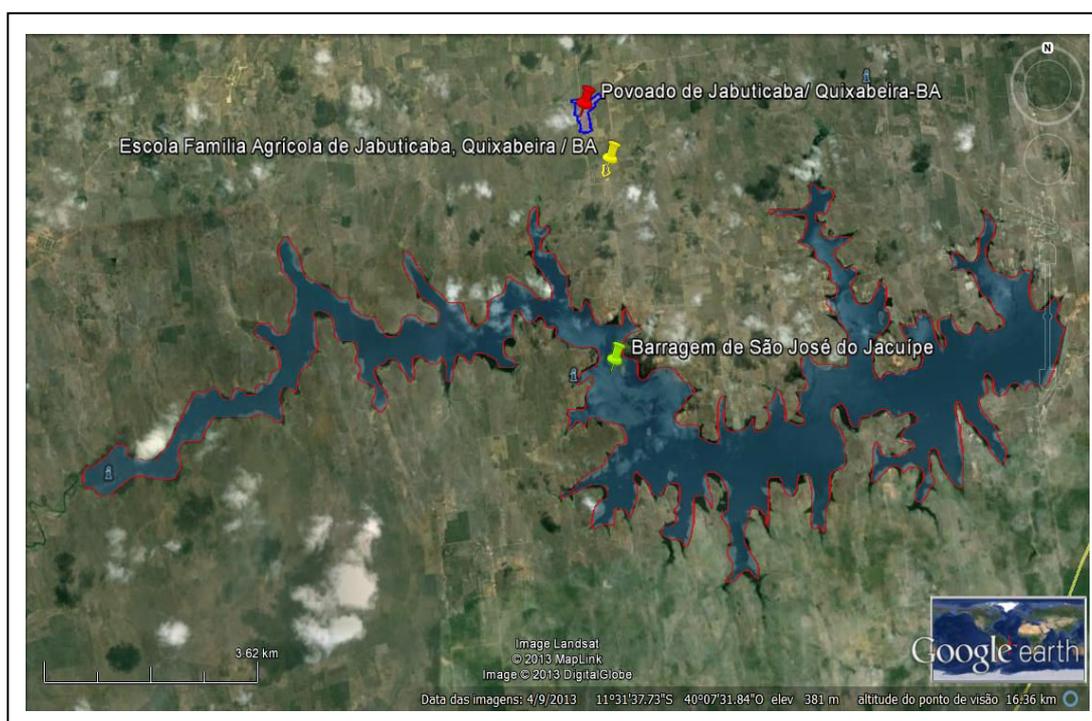
O município de Quixabeira pertence ao Território de Identidade Bacia do Jacuípe, região noroeste da Bahia, a 300 Km da capital, Salvador. Sua área é de 368

km², situado no Polígono da Seca, apresenta uma temperatura média anual de 28°C, com um clima semi-árido e uma densidade pluviométrica de 500 a 800 mm/ano.

A base econômica do município é pecuária extensiva e agricultura de subsistência. As condições geoclimáticas é um determinante para condição socioeconômica da população, pois em sua maioria é de baixa renda e baixa escolaridade.

Além da sede, Quixabeira possui 7 distritos e povoados (Jabuticaba, Alto do Capim, Baixa Grande, Campo Verde, Ramal, Várzea do Canto e Cova do Anjo).

Figura 1: Espelho d' água da Barragem de São José do Jacuípe

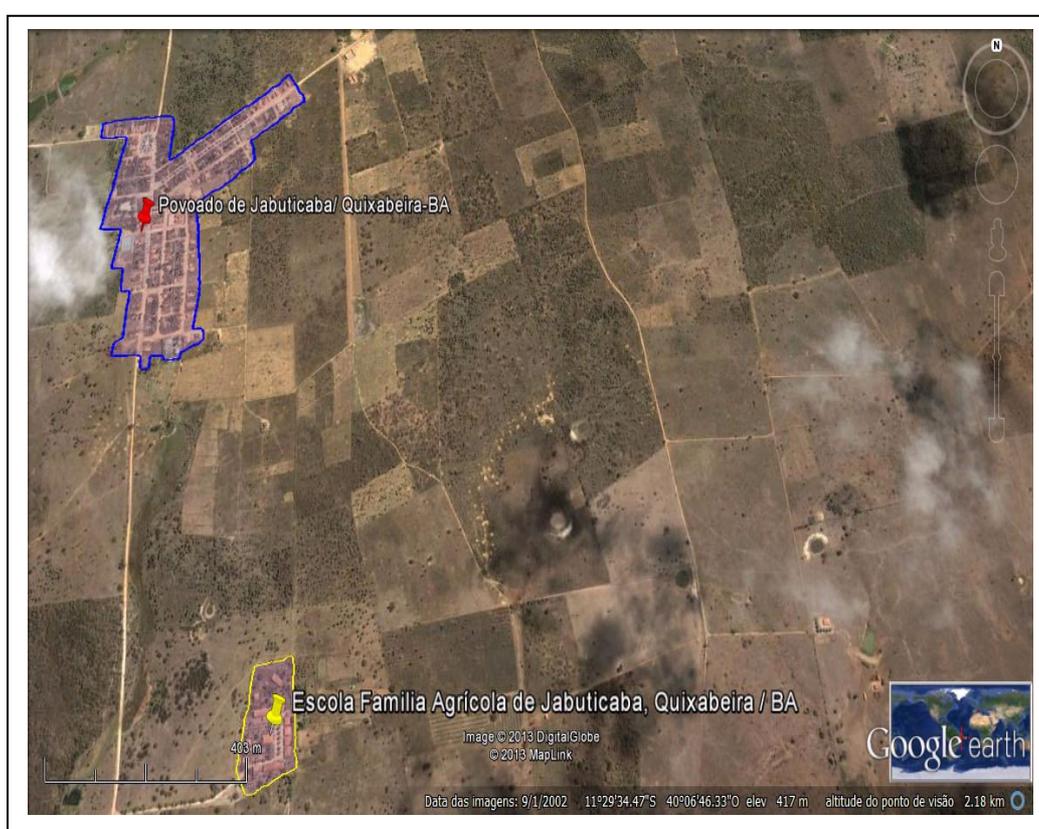


Fonte: Google Earth, 2013.

Destacamos o povoado de Jabuticaba que surgiu em 1954, fundada pelo senhor Manoel Avelino. Localiza-se a três quilômetros da margem esquerda do espelho d'água da Barragem de São José do Jacuípe (figura 1), pertencente à Bacia do Paraguaçu, sendo isso o maior motivo do crescimento e do desenvolvimento desse povoado, caracterizada como uma comunidade de agricultores. Desta forma, a questão do associativismo é bastante representativa nesse povoado, onde podemos destacar a Associação de Apicultores da Região de Quixabeira (AARG), a Associação de Pequenos Produtores de Jabuticaba (APPJ), Associação de Pescadores, Projeto Conviver, entre outros.

O povoado se destaca também por ter nas suas proximidades a importante presença da Escola Família Agrícola de Quixabeira (figura 2), fundada em 04 de março de 1994, tendo como sua mantenedora a Associação dos Pequenos Produtores de Jabuticaba (APPJ). Conforme Lordelo (2000) a EFA de Quixabeira é mais uma iniciativa no campo da educação ligada a Igreja Católica, manifestada em toda microrregião.

Figura 02 – Localização do Povoado de Jabuticaba e da EFA de Quixabeira.



Fonte: Google Earth, 2013.

A presença da Igreja Católica na região é antiga e tem um significado histórico importante, pois foi precursora na implantação de escolas, visando diminuir os altos índices de analfabetismo que caracterizavam esta região do semiárido baiano no período das chamadas “escolas paroquiais”.

A EFA de Quixabeira é fruto da mobilização das lideranças populares e das suas entidades, bem como do movimento popular de construção de alternativas locais de

desenvolvimento social e de afirmação dos direitos de cidadania em parceria com a Igreja Católica, através do Pe. Xavier Nichele, com o objetivo de levar esperança aos jovens do campo já tão desestimulados pela falta de valorização do meio rural, bem como motivá-los a continuar no meio rural e em seu ambiente familiar e comunitário.

Como as demais EFAs espalhadas pelo Brasil, a EFA de Quixabeira adota a Pedagogia da Alternância, em que os alunos alternam sessões na escola, na família, no meio rural e comunitário com a mesma duração. Segundo informação da Diretora da EFA, estas sessões são interligadas através de instrumentos didáticos adequados, estruturado através de um Plano de Formação e/ou Plano de Estudo, construído a partir da participação da família, da comunidade e da escola, levando em consideração a situação econômica do aluno, sem se desvincular dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para cada disciplina.

Um diferencial das EFAs em relação às escolas ditas “normais” está na partilha da responsabilidade pela formação do ser/cidadão, onde a família, a comunidade e a escola assumiram o compromisso na formação integral dos jovens, sem desenraizá-los.

Foi relatado pela direção, monitores e alunos e, comprovado através da observação, que a escola dispõe de uma estrutura física em perfeito estado de conservação, composta de alojamentos, pois as atividades pedagógicas (teórica/prática) acontecem em período integral, refeitório, salas de aula com boa iluminação e acústica, biblioteca, porém com um acervo limitado, laboratórios de zootecnia e informática (ainda sem acesso a internet), campos de experimentação de culturas, recursos audiovisuais (TV, DVD, Microsystem), marcenaria experimental, padaria experimental, baias de suínos, criação de bovinos, caprinos, apiário e um campo experimental de piscicultura.

A EFA de Quixabeira tem uma área de atuação abrangente, atendendo alunos provenientes de vários municípios circunvizinhos e outros mais distantes, tais como: Capim Grosso, São José do Jacuípe, Serrolândia, Filadélfia, Pindobaçu, Gavião, Jacobina, Valente, Várzea da Roça, Várzea do Poço, Mairi e Monte Santo etc.

A unidade de ensino é composta por cinco monitores que ficam em tempo integral e mais cinco professores externos, todos graduados na área em que atuam, equipe gestora e de apoio. Atualmente oferta as modalidades Ensino Fundamental II e o Ensino Profissionalizante Técnico Agropecuário.

Observarmos a partir do diálogo com os alunos, que a metodologia de ensino adotada é baseada na ação-reflexão-ação, através da análise crítica da realidade dos jovens seja ele do campo ou não. O antigo curso Fundamental de 5ª a 8ª série, foi reestruturado e condensado em três anos, visando atender as especificidades da escola, incluindo as disciplinas do núcleo de formação agrícola.

A partir das observações, ficou evidente que a unidade de ensino preocupa-se com a formação do aluno em sua totalidade, trabalhando valores éticos, morais, de solidariedade, coletividade e de responsabilidade pela organização do espaço escolar, onde todas as tarefas desenvolvidas são compartilhadas, desde a limpeza do refeitório, das áreas externas, como dos espaços experimentais, além das salas de aula, dos banheiros e dormitórios, bem como, com o retorno social para comunidade onde mora.

Segundo Aquino Junior (2007, p.85)

No Japão os alunos participam da limpeza, distribuição de merenda escolar, organização e manutenção do material escolar. A participação dos alunos na limpeza das salas de aula, do pátio e do refeitório faz com que eles se tornem responsáveis pela manutenção [...]. O espaço coletivo é responsabilidade de todos os sujeitos que neles estudam, transitam e comem.

De acordo informação da direção, paralelamente as atividades pedagógicas curriculares, a escola desenvolve alguns projetos e também participa de alguns programas vinculados ao MEC (Ministério da Educação) na área de Educação do Campo, onde foi destacado o Projeto Conviver, Pro Jovem e Procampo.

O Projeto Conviver é fruto de questionamentos em relação aos alunos egressos, no sentido de como manter os ex-alunos vinculados ao campo e à comunidade, pois não havia projetos de manutenção dos mesmos e da sua família na produção agrícola, bem como fortalecer a relação do jovem com a terra, compromisso primeiro da escola?

Desta maneira, surgiu a necessidade de criar alternativas de desenvolvimento local, atrelado a comunidade, através de projetos de extensão da Escola Família Agrícola.

No ano de 1997, em seminário realizado na escola com lideranças comunitárias, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), dirigentes da Paróquia de Capim Grosso responsável pela Igreja Católica em Quixabeira e a APPJ, surgiram diversas ideias, entre elas a de maior relevância social e educacional, o Projeto Conviver, com objetivo de fortalecer e

financiar infra-estruturas do ser humano de convivência com semiárido, através de técnicas de aproveitamento da água da chuva (cisternas, barreiros entre outras) para abastecimento humano e dessedentação animal e, capacitar os ex-alunos e suas famílias para utilização de práticas inovadoras no gerenciamento e produção agrícola.

Desde o período de implantação até o presente momento, a escola realizou diversas ações, visando fortalecer o projeto, tais como: Campeonato do Feno e Silagem, Festa em comemoração ao resultado do Campeonato, abertura de cooperativa de crédito, criação do Conselho Gestor do projeto e o Fundo de Crédito Solidário para os ex-alunos e suas famílias.

O PROJOVEM – Saberes da Terra é um programa de escolarização de jovens agricultores/as familiares em nível fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), integrado à qualificação social e profissional. O Programa surgiu em 2005, vinculado ao Ministério da Educação pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI) com a meta de escolarização de 5.000 jovens agricultores/as de diferentes estados e regiões do Brasil.

O PROJOVEM foi instituído pela Medida Provisória nº 411/07, representa um indutor de políticas públicas de juventude nas diferentes esferas e tem por objetivo promover a reintegração de Jovem ao processo educacional, sua qualificação profissional e seu desenvolvimento humano.

O Projeto PROCAMPO garante Formação Continuada para os professores da rede pública que atuam em unidades da zona rural.

Segundo informações da direção e de monitores, a Escola Família Agrícola de Quixabeira enfrenta alguns desafios, no qual destacamos o custo financeiro para manter sua estrutura física e pedagógica, pois o regime de alternância implica na elevação desses gastos em virtude de que os jovens “moram” durante um período na Escola, de forma intercalada. As questões econômica/financeira para manutenção das EFAS, apresenta-se como principal desafio para essas instituições de ensino no Brasil.

A EFA de Quixabeira é mantida por doações de Fundações e ONGs internacionais, principalmente italianas, em virtude do vínculo do seu idealizador – Pe. Xavier Nichele, ter nacionalidade italiana e manter relações estreitas com algumas entidades desse país que tem um caráter social, porém nos últimos anos, de acordo informações proferidas pela Diretora, os percentuais de repasse vem diminuindo a cada

ano, em detrimento de outros espaços geográficos, apresentarem um maior grau de necessidade, onde foi citado o continente Africano como um desses espaços.

Desta forma, é exigido da escola a implementação de ações visando à auto-gestão sustentável, através de: apresentações de propostas/projetos em resposta aos editais públicos veiculados por Instituições Financiadoras Federal/Estadual/Municipal, empresas privadas, bem como, produção em escala comercial do mel, a venda do excedente na produção do leite, de produtos agrícolas, doações de pessoas físicas e jurídicas.

Nos últimos anos a escola buscou firmar parcerias/convênios com instituições federais e estaduais, visando dar um subsídio técnico e pedagógico aos monitores, professores e alunos, através da: Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S/A (EBDA), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA; Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal da Bahia (UFBA) entre outras. Estabelecer parcerias/convênios, neste início do século XXI, torna-se condição preponderante no processo de consolidação da gestão sustentável, principalmente em estabelecimentos de ensino, pois, a união promove a vida para quem não vive sem apoio.

A Escola Família Agrícola de Quixabeira, nos últimos anos conquistou seu espaço como centro potencializador de transformação do jovem, através de uma experiência educacional para o campo, inovadora, vigorosa e prazerosa, em pleno semiárido baiano, com uma gestão firmada em valores de solidariedade, coletividade, fraternidade e comunidade.

Para Caldart (2004, p.110)

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito.

Para não concluir...

Estamos vivendo um momento importante na Educação do Campo, com novas conquistas, desafios, tensões e conflitos. Os movimentos sociais do campo veem

contribuindo de forma significativa para consolidação desse novo momento, através de reflexões, embates e lutas.

Nessa caminhada, outras organizações apresentaram-se neste roteiro de discussão, buscando reverter o quadro de abandono vivenciado pelo meio rural brasileiro por muito tempo.

Destacamos as Escolas Famílias Agrícolas, que cumprem um papel de extrema relevância, pois garante ao jovem do campo uma perspectiva de vida que valorize a dignidade e a cidadania.

Ainda existe muitos passos a serem realizados pelos movimentos sociais e educadores do campo, no sentido defender e consolidar a Educação do Campo para os sujeitos coletivos de direito do/no campo.

Experiências pedagógicas diferenciadas e o conhecimento produzido em espaços educativos contextualizados, em especial realizadas através das Escolas Famílias Agrícolas, são relevantes para formação do sujeito e educadores do campo, desprendidos de preconceitos, sem visões deturpadas e ingênuas do espaço rural.

Referências

AQUINO JUNIOR, José. **O aluno, o professor e a escola**. In: PASSINI, Elza Yasuko; Romão e MALYSZ, Sandra T. (orgs). *Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado*. – São Paulo: Contexto, 2007.

BRASIL. Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. **CADERNOS SECADI 2** / Secretaria de Educação Continuada., Alfabetização e Diversidade, Brasília- DF, marco de 2007. Disponível em: portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaocampo.pdf. Acesso em: 17 de dezembro de 2008.

CALDART, Roseli Salette. **Sobre Educação do Campo**. In: FERNANDES, Bernardo Mançano et. al. *Educação do Campo: campo-políticas públicas – educação*. - Brasília : Inca ; MDA, 2008.

_____. **A escola do campo em movimento**. In.: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette e MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2004

LORDELO, José. Albertino. Carvalho. **Escola dentro-e-fora: gestão comunitária de uma escola família agrícola no Sertão da Bahia**. *Revista de Administração*

Educacional, Recife, v.2, n.6, p.103-110, 2000. Disponível em: www.ufpe.br/daepe/n6_7.htm. Acesso em? 17 de dezembro de 2008.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; FREIXO, Alessandra Alexandre. **Escola Família Agrícola de Valente**: Uma experiência rumo à Educação do Campo na região Sisaleira da Bahia. Disponível em www.apaeb.com.br/memoriasdorural/publicacao2.pdf. Acesso em: 17 de dezembro de 2008.

Recebido em 15/01/2014.

Aceito para publicação em 22/07/2014.